

“Limite é o das conseqüências sociais”

JOSÉ MARIA SANTANA
Enviado especial

TÓQUIO — “Nós não temos a ilusão de que vamos impor uma solução, mas achamos que temos argumentos racionais, que são persuasivos e podem levar os países desenvolvidos a uma compreensão do problema e à adoção de medidas que levem mais em conta a situação em que estão os países devedores” — disse ontem, em Tóquio, o chanceler Saraiva Guerreiro, ao falar da reunião convocada por Brasil, México, Argentina e Colômbia para discutir uma posição conjunta em face da dívida externa. Guerreiro afirmou que o Brasil já aceitou ajustar sua economia para a crise e há leves sinais de sair do fundo do poço. “Sacrifícios teremos de fazer — acrescentou —, mas há um limite, que é o das conseqüências sociais e políticas que têm de ser evitadas, interna e externamente, no interesse de todos.”

O chanceler brasileiro, que acompanha Figueiredo na visita ao Japão, explicou que a reunião deve acontecer mesmo em 14 e 15 de junho, em Bogotá, sugestão feita pelo Brasil e praticamente aceita pelos três outros sócios na iniciativa. Guerreiro insistiu em que a dívida externa deve ser tratada em dois níveis: um, mais técnico, dentro das regras existentes. E outro, político, para tentar mudar essas regras. Segundo ele, é nesse segundo nível que os quatro países latino-americanos, e outros da região que queiram aderir à iniciativa, vão discutir.

O Brasil, de acordo com o ministro, não tem posição fechada para levar à reunião. “Nós vamos com espírito aberto. Há várias idéias em curso, e naturalmente elas serão analisadas, no que se refere às taxas de



Arquivo

Guerreiro: temos argumentos

juros, prazos, comissões” — assinou. São itens de um mesmo objetivo principal, que é o de tentar modificar os parâmetros atuais, chegando-se a pontos comuns no relacionamento geral entre devedores e credores.

Para ele, o encontro não vai tratar especificamente da renegociação da dívida externa, motivo pelo qual o chanceler não concorda com o nome de “clube dos devedores”. Guerreiro acha que a posição mais firme da Argentina em relação a seus próprios credores não vai prejudicar os entendimentos com os países desenvolvidos. “Nós também — disse — procuramos evitar uma espécie de espiral descendente, de um ajustamento econômico feito num patamar mais

baixo. Precisamos fazer um esforço para parar essa redução automática do comércio, como conseqüência das políticas recessivas”.

O chanceler brasileiro voltou a falar sobre a elevação das taxas de juros no mercado internacional, que aumentaram o valor da dívida externa. Ele observou que “a maior parte dos países industrializados também tem interesse na redução das taxas, até mesmo porque, por estarem elas muito rentáveis no mercado financeiro, há tendência, sobretudo na Europa, de fuga de capitais para os Estados Unidos”.

Segundo o ministro, esse é um dos pontos em comum entre as nações do Norte e do Sul. “Nós não buscamos a confrontação, mas uma negociação baseada na conscientização dos países industrializados de que é importante para eles mesmos encontrar-se uma solução que atenda aos nossos interesses” — acrescentou.

O tema também vai ser discutido na reunião dos sete países mais ricos do mundo ocidental, em Londres. Apesar da expectativa, Guerreiro acha difícil que o encontro apresente um resultado concreto, preciso e numérico. “O que esperamos é que haja mais do que simplesmente uma afirmação retórica, somente para efeito das aparências, e sim uma convicção maior por parte dos países industrializados de realmente se empenharem em uma negociação e numa pesquisa de soluções que aliviem a situação dos países devedores. Para o chanceler, “isso não quer dizer que os devedores não desejem fazer ajustes internos, o que seria ilusório, mas é preciso que a esse reajustamento corresponda a expectativa de uma reversão dos sinais que estão aí, de uma recessão crescente, e que se possa restabelecer um clima de confiança no futuro”.